

Resumo Workshop Premissas petroquímicas APLA – IPA

A segunda edição do workshop “Premissas Petroquímicas 2008” ocorreu na segunda-feira, dia 17 de novembro, às 14:00 no Board Meeting Room do Hotel Sofitel no marco da edição 28 da APLA.

O encontro foi organizado, conjuntamente pelo Instituto Petroquímico Argentino e a APLA e contou com a coordenação de Alfredo Friedlander (moderador), Élide Fernández, Silvia Trillo e Alejandro Destuet pelo Instituto Petroquímico Argentino e Fernando Poppi pela APLA.

Como no ano anterior, foi proposto aos consultores da indústria petroquímica um temário geral que abarcou os principais aspectos do upstream e do downstream e foram convidados a expor suas visões sobre o panorama internacional e regional atual e futuro. Posteriormente, foi aberto um espaço para perguntas e intercâmbios de opiniões com os representantes das empresas que estiveram presentes no workshop.

Participaram representantes de nove empresas consultoras internacionais:

Mary Blackburn da CMAI, George Martin da ICIS LOR, Rina Quijada da Intellichem, Raúl Arias e Shannon Schneider da Nexant, Ihsan Rahim da Platt's, Bob Baumann da Polymers Consulting, Jorge Buhler da Polyolefins Consulting, Roger Lee da Tecnon Orbichem e Otavio Carvalho da Maxiquim e estiveram presentes representantes de várias empresas petroquímicas da América Latina: Andercol, BASF, Braskem, Crilen, Dow, Helm Andina, Oxiquim, Petrobras, Petroquim, Petroquímica Cuyo, Peruquímicos S.A.C, Plassol, Pochteca, Quattor, Vopak, Methanex, UNIPAR, YPF S.A e Tecnimont.

Um detalhe novo foi a realização de um concurso entre os representantes das empresas presentes. A tarefa consistiu em precisar a média do cru WTI nos primeiros dez meses do ano e arriscar a média esperada para o mesmo período de 2009. Ihsan Rahim da Platt's foi o jurado da certificação que apontou quatro ganhadores.

Uma revisão do comentado:

A rescisão originada nos Estados Unidos se globalizou. Foi comparada a de 1980/81. É extremamente volátil e imprevisível. Um dos consultores acredita que a incerteza é tal que o cru poderia chegar a valores entre 25 e 100 US\$/bbl. Há uma forte crise de confiança e os preços se encontram em forte queda, com liquidações de estoque.

A crise encontra a América Latina melhor posicionada que em épocas passadas, com estabilidade política e econômica e com bons níveis de reservas. Também possui como vantagens contar com matérias-primas e estar próxima aos principais mercados. Além disso possui uma vantagem competitiva ao estar melhor treinada que outras regiões para combater inflações, desvalorizações e outras mudanças econômicas bruscas.

Diante do novo cenário, a região vai ter de exportar volumes maiores e competir contra valores internacionais em baixa. Também a competição interna vai ser muito mais agressiva.

Na América latina, as crises econômicas anteriores mostraram que a demanda cai, mas logo tem uma forte recuperação. Quando olhamos os crescimentos médios em um período estendido, estes continuam mostrando taxas acima da média mundial.

Há um bom nível de consolidação/racionalização (o melhor exemplo é o Brasil com Braskem e Quattor). O Brasil e a Venezuela possivelmente serão os países mais destacados em petroquímica, por outro lado o Peru e a Bolívia possuem bom potencial por suas reservas de gás.

O Brasil e a Argentina têm um bom nível de proteção de impostos alfandegários (em poliolefinas, uns 15%) que lhes permitirá defender melhor seus preços internos. A Venezuela recebe a crise com preços elevados devido a sua economia fechada (e de paralisação de fábrica que a obrigaram a importar produto), enquanto isso a região do Pacífico sofre os efeitos do embate exportador asiático e o México, devido a NAFTA, é atingido em cheio pela crise nos Estados Unidos.

A queda dos preços nos Estados Unidos causará impactos nas demais regiões. A América Latina, ainda que se encontre em boas condições, não ficará alheia à crise.

CEPAL estima uma queda no crescimento do PIB regional de 4.5 neste ano para 2.5/3 % no ano que vem.

Quais foram as oportunidades mencionadas?

Aproveitar os fatores de boa disponibilidade de matérias-primas, a consolidação empresarial e o potencial do mercado regional com boa taxa de crescimento e as condições regionais de maior estabilidade para projetar investimentos. Hoje há poucas anunciadas na América latina. Todas aquelas que se dirigirem a curto prazo ao mercado regional, serão mais sólidas que as que se referirem à exportação. Mesmo que muitas indústrias tradicionalmente demandantes de petroquímicos como a construção e os automotores estejam francamente afetadas, pode-se explorar áreas que possam ser potencialmente interessantes, como o agro e os alimentos, a eficiência energética, a medicina e as obras públicas.

A situação global atual é de redução de produção, demanda em queda livre, muita capacidade de entrada da Ásia e do Oriente Médio, ainda que a um ritmo possivelmente menor que o programado, pois também nessas regiões começam a cancelar projetos, basicamente por falta de financiamentos. A queda do cru reduz a competitividade das novas plantas do Oriente Médio.

O impacto do preço do cru muda a competitividade entre as regiões dependendo de qual for o futuro nível do preço médio. Com os valores do cru abaixo de US\$ 50/bbl, os Estados Unidos e a Europa teriam uma posição muito competitiva frente aos do Oriente Médio. Um dos consultores aventurou um preço mínimo do WTI a US\$ 44/bbl.

Estamos percorrendo o ciclo em queda, mas ainda não chegamos ao final.

Em um prazo muito curto, a rápida queda dos preços das matérias-primas ganha em velocidade a dos preços que momentaneamente melhoram as margens. Hoje o mercado tem opções de compra de materiais muito baratos e com os preços caindo, o que implica compras mínimas ante o temor de ter estoques a custos muito altos. Uma vez que o nível de preços se mantiver estável por 3/4 semanas, os níveis de compra alcançarão seu novo ponto de equilíbrio baseados na oferta e demanda real.

A tendência a médio prazo é uma recuperação de preços...mas quando a recuperação chegará? Deverá prestar-se atenção aos resultados que produzirem as medidas fiscais e monetárias, às ações dos primeiros 100 dias da nova administração dos Estados Unidos, ao comportamento da demanda na china. Um consultor mostrou um cenário base que mostra a recuperação para 2012, mas com possíveis extensões até 2015 na medida em que a demanda crescer a um ritmo menor que o previsto. Espera-se que os Estados Unidos se transforme em um país importador, e que o Oriente Médio e a Ásia sejam as novas regiões exportadoras da indústria.

Uma vez superada a crise, alguns projetos de investimentos se verão atrasados. Espera-se também que haja fusões dos produtores menos competitivos ou fechamento de algumas plantas.

Como resumo final, há consenso de que a América Latina tem condições objetivas para poder enfrentar a crise e converter-se em um jogador de peso no novo ciclo.

A reunião gerou grande interesse e entusiasmo, prevendo-se uma terceira edição para a 29ª reunião da APLA em 2009. Na pesquisa de satisfação que foi realizada, fica claro um interesse unânime pela continuidade do evento, que como rasgo singular permite o confronto de idéias de diversos especialistas e consultores e permite um debate e intercâmbio entre as empresas e consultores.